

ANO XXI-N.º 1.054 — Aveiro, 1 de Setembro de 1951
Semanário Católico e Órgão da Diocese
Composição e imp. — Gráfica Aveirense, Limitada — Aveiro

Director: P. MANUEL CAETANO FIDALGO
Editor: P. ANTÓNIO AUGUSTO DE OLIVEIRA
Administrador: P. MANUEL REI DE OLIVEIRA

Propriedade da Diocese de Aveiro
Redacção e Administração
PAÇO EPISCOPAL — TELEFONE 154 — AVEIRO

AVENÇA

Uma frente anti-nacional

De «A Semana», com a devida vênia, transcrevemos:

1 — Protestantismo

O primaz da igreja anglicana, doutor Fisher, declarou que «is tragic that the Roman Church at the same time says and does so much to make a common front impossible».

Talvez seja curioso observar que Fisher (o primaz da igreja anglicana) acusa a Igreja Católica (Roman Church) de tomar mais viva ainda, com a encíclica Humani Generis, a divisão entre os cristãos, em vez de se aliar com as numerosas seitas protestantes na luta pela causa da liberdade e tudo isto porque «the Roman Church takes its own line».

Esta atitude do mais alta dignatário da igreja anglicana, o primaz Fisher, define muitíssimo bem duas situações: a do protestantismo, cujas seitas dia a dia se multiplicam como cogumelos em pinhal velho, e a da Igreja Católica, cuja unidade, diversas vezes ameaçada mas nunca quebrada, se afirma dia a dia preempatoriamente e cheia de vida.

São conhecidas as posições comunistas e comunizantes de certos chefes do protestantismo bem como as suas ligações com a Maçonaria.

O processo evolutivo do comunismo começa com a revolta protestante e culmina em Marx, depois de ter passado por todas as metamorfoses racionalistas dos sécs. XVII, XVIII e XIX. Não admira, portanto que as maiores figuras das seitas protestantes depois de negarem a divindade do próprio Cristo, tivessem passado pela apologética do sentimento e pelo modernismo (última e mais perigosa forma do racionalismo) e, finalmente, caído nas garras do comunismo, que é a síntese de todas as heresias político-religiosas.

2 — Rotarismo

O mação protestante Robert A. Greenfield, na sua memória — A Questão Religiosa no México, compilada em Nova Iorque, em Dezembro de 1927, por conta da Organização Cívica Internacional, e publicada em muitos jornais, afirma explicitamente que a Maçonaria se serve da Y. M. C. A. (Young Men's Christian Association) e a do Rotary, no México e outros países da América Latina, para destruir a religião católica.

Convém esclarecer que esta Associação dos Jovens Cris-

O Divino Samaritano

QUERERIA ter o dom do famoso comentador das parábolas de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Cardeal Wiseman, o autor da Fabiola, ou a doçura e a graça do jovem Abade de Singeverga, para dar a este piedosíssimo quadro o relevo e a cor, aquela mesma originalidade e frescura com que ele saiu, há já vinte séculos, do pincel inspirado e divino do Mestre.

Tenho até medo de tocar com a ponta de algum dedo grosseiro, em coisas tão delicadas, tão feitas de espuma, não vá assim diminuir-lhes, do todo ou em parte, o seu exuberante perfume, a sua supernal e incomparável beleza.

A primeira coisa que o Senhor parece querer ensinar-nos nesta parábola, neste quadro um pouco paradoxal é verdade, como é próprio das alegorias, é que alguma vez, contra todas as imposições, contra todas as expectativas, vem o remédio donde menos se poderia esperar, aparece a salvação onde menos se conta, onde até, ao contrário, se poderia temer a sicuta, a serpente.

Aquele Sacerdote que passa a ler o livro das Escrituras, amarga ironia! o próprio livro da caridade, que deita o rabo de molho por cima da página para o esfaqueado, arremessado para a valeta pelos ladrões, já meio morto, e segue imponente e magistral o seu caminho, murmurando talvez a olímpica sentença de Cícero: — *De mininis non curat praetor* — e atrás dele o esbelto levita encarando mais de frente, porventura o cruciante infortunio, mas não se importando mais com ele do que o seu sacerdotal precursor, são na verdade duas figuras odiosas e nítidas que o Salvador parece ter pintado de propósito para a ímpia multidão daqueles que, de futuro, tanto se regalariam, com razão ou sem ela, em pôr o sacerdote em contradição na vida comsigo mesmo e a celeste doutrina que prega.

O espelho deita por este lado uma luz sombria.

Quem se compadece do desgraçado é ao contrário um Samaritano, quase se diria um cão danado, ao qual os judeus só teriam que deitar pedras.

Não foi pois num jardim da Galileia ou nalguma formosa paisagem da Palestina, não foi à porta da Sinagoga ou do Templo, que nasceu esta flor vermelha de amor, foi num pântano.

Ninguém olhe de cima para baixo para o seu próximo, seja ele qual for, porque corre o perigo, como nas balanças, ou nos trapézios, de mudar de repente de posição, de lhe calhar a vez de olhar ele debaixo para cima. Nunca a humanidade expôs esta tremenda lição de humildade com a vivacidade e o sabor desta estupenda parábola de Jesus Cristo. Mas tem tentado fazê-lo à sua maneira, e às vezes mesmo com uma certa harmonia, com uma certa felicidade de imagens e uma certa proporção de linhas.

Aquele verso, por exemplo, de Victor Hugo:

N'insultez pas la femme qui tombe!

E até o dizer ingénuo e pitoresco do povo:

— Estai atentos, ó Vós que cuspis para o alto, não sejais vós mesmo a ser manchados.

* * *

Estou até em crer que isto de se falar agora tanto no respeito devido à personalidade humana se lhe procurarmos bem as raízes, elas vão ter a grande distância àquele desprezado Samaritano que, com o seu vinho, com o seu azeite, com o seu jumento, com o seu dinheiro, com o seu crédito, deu uma destas lições de estalo ao pomposo Sacerdote, ao leviano levita.

(Continua)

AINDA ALJUBARROTA

Pelo Inspector GOMES DOS SANTOS

UM nosso conterrâneo, pessoa muito ilustrada e inteligente, tendo lido a poesia que compus sobre a formosa tradição dum voto do Condestável (*A bilha de S. Jorge — Aljubarrota*) e que o *Correio do Vouga* publicou na 1.ª página do seu número 1.051, de 11 do corrente mês, — imerecidá honra que muito agradeço, — chamou a minha atenção no decorrer de amistosa conversa, para o verso em que digo que a bandeira de Nun'Alvares estava «junto à ermida», pois lhe parecia que se poderia concluir daqui que a dita ermida já existia ao tempo da batalha, o que entende não ser exacto.

E' judicioso o reparo. A referida alusão pode levar, realmente, a esse convencimento, e nem é certo existir já ao tempo a capelinha de S. Jorge, nem o autor da poesia o ignorava quando a escreveu.

O signatário tinha em mente dizer ou significar — «onde hoje é a ermida».

Vem a propósito notar que Oliveira Martins escreveu também a seguinte frase:

— «Revolvia-se a mó dos combatentes

em torno da capela de S. Jorge: ao lado fluía ao vento, desfraldada, a bandeira mística do condestável» (*A Vida de Nun'Alvares*, pág. 276, 2.ª ed.).

Para mostrar, porém, que ele bem sabia que não existia a ermida, basta citar estoutro passo do mesmo livro:

— «Arvorada a sua bandeira santa, Nun'Alvares, junto dessa garganta estreita, orava fervorosamente, prometendo à Virgem um templo em Ceíça, ao pé de Ourém, e outro a S. Jorge, ali mesmo, no lugar que os seus joelhos pisavam».

O sítio era ermo, pois.

No dia 13 de Agosto de 1385, estava o exército castelhano acampado em Leiria e a hoste portuguesa em Porto de Mós. Nesse mesmo dia, que era domingo, Nun'Alvares, depois de ouvir missa, atravessou sozinho ou com uma pequena escolta, cerca duma légua de charneca até encontrar o velho caminho que hoje é a estrada nacional que segue a Al-

(Continua na 4.ª página)

Uma frente anti-nacional

tão é protestante. Com a maçonaria e o rotarismo, esta associação foi um precioso auxiliar do famigerado Calles na sanhuda perseguição que desencadeou contra a Igreja Católica, no México.

Mais uma prova dada por um mação graúdo para demonstrar o perfeito entendimento entre a maçonaria, o rotarismo e o protestantismo numa obra comunizante, como foi a do Governo de Calles, no México.

Fundada pelo mação Paulo Harris, em Chicago, a 23 de Fevereiro de 1905, o rotarismo ficou desde o nascimento ligado à maçonaria. Podem os rotários dizer que não, que não pertencem à maçonaria, o que não podem negar são os factos que demonstram até à evidência a palhaçada maçónica do rotarismo.

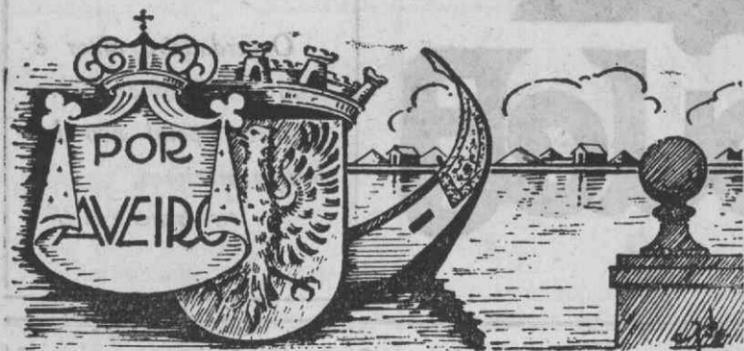
Os clubes rotários são, na verdade, filhos dilectos da maçonaria, que, proibida por lei, tentou (e conseguiu infelizmente!) iludir a interdição, alarpando-se por detrás dos mesmos clubes.

3 — Maçonaria

A espionagem e a delação é imposta pela maçonaria aos seus associados, que são funcionários públicos: «1.º — Que o Gr. . . Or. . . Lus. . . Un. . . Organize comissões de vigilância e investigação, subordinadas a uma comissão da nossa Augusta Ord. . . devendo para esse efeito organizar-se sem demora a relação nominal dos Ilr. . . que são funcionários do Estado.

«2.º — Que cada uma das LL. . . fique incumbida de aceitar informações, relatórios, queixas ou participações, tanto quanto possível documentadas, do que ocorre nas diversas repartições ou dependências do Estado onde a Maç. . . tenha representação a fim de prevenir ou evitar o que for prejudicial para o prestígio da nossa Aug. . . Ord. . . Essas informações, queixas, participações serão dentro do prazo de três dias presentes à comissão de vigilância e investigação que procurará exercer a sua intervenção salutar». Duas das conclusões votadas na 3.ª sessão do congresso maçónico nacional, realizado em Lisboa nos dias 2 a 6 de Abril de 1913.

Uma pergunta apenas: — Haverá alguma coisa mais antagónica e inimiga dos interesses nacionais do que uma organização de espionagem e de denúncia que se dedica à caça de empregos públicos e



Escriturário de 3.^a classe da Câmara Municipal

Precedendo concurso, deve ser nomeado escriturário de terceira classe da Secretaria da Câmara, o sr. João Pires Metelo Leitão, o mais classificado dos concorrentes que prestaram provas para aquele cargo.

Os remadores do Club dos Galitos

Embora não tenham alcançado a classificação que se alvejara, os nossos remadores do Clube dos Galitos tiveram nos campeonatos internacionais da Europa um com-

porta muito honroso e que não desmerece das suas tradições.

Os sorteios não lhes foram favoráveis. No entanto conseguiram uma bela vitória na primeira prova de repescagem, conseguindo assim o direito a figurarem nas meias finais. Nestas correram a par das melhores equipas do Torneio, ficando eliminados.

Saneamento da cidade

Devem terminar brevemente as instalações da tubagem de saneamento e de esgotos de águas pluviais na Avenida Araújo e Silva e Rua de Ilhavo.

Desastre

Na segunda-feira desta semana, à descida da rua Conselheiro Luís de Magalhães, desta cidade, às 21 horas, deu-se um lamentável desastre que resultou dum atropelamento de bicicleta, ficando feridos quatro homens.

Francisco Alves de Matos, conduzindo na sua bicicleta António da Rocha Freitas, embateu contra os srs. Bento Francisco, soldado aposentado da Guarda Republicana e porteiro da Fábrica Aleluia e Francisco Porfírio da Silva, empregado na Companhia Aveirense de Moagens.

Todos receberam tratamento no Hospital da Misericórdia, tendo de ficar internado o sr. Bento Francisco, com ferimentos na cabeça e lesões no corpo.

Terrenos do Liceu

No dia 3 do corrente mês de Setembro, vão ser postos em praça os terrenos que restam por vender no quarteirão A da zona do novo liceu.

Ruas da cidade

Devem terminar esta semana os trabalhos de pavimentação a xadrez preto e branco dos passeios da cortina do Cais do Rossio. Na próxima semana iniciar-se-ão os trabalhos de pavimentação do passeio da Rua de Viana do Castelo, em frente dos Armazéns de Aveiro.

Estudantes

Até ao Terceiro Ano

Recebem-se, próximo do Liceu. Tratamento familiar, com orientação e auxílio nos estudos.

Informa

PASTELARIA CHIC
AVEIRO

Festas de Inauguração do novo Hospital de Sangalhos

No próximo dia 9, terão lugar as festas da inauguração do novo Hospital da Misericórdia da freguesia de Sangalhos, com o seguinte programa:

A's 13 horas — Chegada a esta localidade, pelo lado norte, de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Arcebispo de Aveiro, que vem acompanhado pelo Ex.^{mo} Governador Civil e outras entidades oficiais da sede do nosso distrito.

A's 14 horas — Chegada do lado sul (bico da estrada) de Sua Ex.^a o Sr. Ministro do Interior, acompanhado pelo Ex.^{mo} representante do Sr. Ministro das Obras Públicas e Comissão de Construções Hospitalares.

A's 15 horas — Benção do Novo Edifício pelo Ex.^{mo} Senhor Arcebispo de Aveiro, finda a qual se procederá à inauguração pelo Ex.^{mo} Sr. Ministro do Interior.

A's 15,30 horas — Sessão Solene presidida por Suas Ex.^{as} os Senhores Ministro do Interior, Arcebispo-Bispo de Aveiro e representante do Senhor Ministro das Obras Públicas.

A's 16,30 horas — Grandioso Cortejo de Oferendas.

A's 19 horas — Banquete de homenagem aos ilustres membros do Governo, autoridades civis, militares e religiosas, por inscrição que termina no dia 1 de Setembro.

O Cortejo de Automóveis que deve esperar Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo de Aveiro, Governador Civil e outras entidades oficiais, deve seguir imediatamente para o bico da estrada, aonde esperará Suas Ex.^{as} os Srs. Ministro do Interior, e representante do Ministro das Obras Públicas e Comissão de Construções Hospitalares.

Cinema

NA TELA

HOJE:

O Gangster — Uma película de estreia, no Teatro Aveirense.

AMANHÃ:

Não se beija a minha noiva — Alegre película em technicolor com Betty Grable e Victor Mature. Exibe-se de tarde e à noite no Cine-Avenida.

Não quero viver sem ti — Filme musical em technicolor com June Haver e Mark Stevens. Exibe-se à noite no Teatro Aveirense. Para adultos.

TERÇA-FEIRA:

Legionário heroico — Um filme movimentado e cheio de lutas. Exibe-se no Cine-Avenida. Para adultos.

QUINTA-FEIRA:

Fandango — Uma cómica película francesa. Exibe-se no Teatro Aveirense. Reservada para adultos.

Vida de Sociedade

Aniversários

Hoje — D. Maria Filomena Sobreiro Vidal, D. Norbinda de Melo e Costa e D. Margarida Eugénia Rodrigues dos Santos Siva, filha do sr. Bernardino da Silva Arrojado.

Amanhã — Eng. Jaime Manuel Sucena Reis.

Em 3 — D. Maria Luísa do Resgate França Marques Mendes, esposa do sr. Carlos Mendes, D. Belmira Pato Fidalgo, mãe do nosso Director e D. Maria Angela Sereno Carneiro.

Em 5 — Eduardo Cerqueira, nosso distinto colaborador, Fernando Gabriel Teixeira de Faria, filho do sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria, e D. Carmelina Pato Fidalgo, irmã do nosso Director.

Quem viaja

De visita ao sr. Governador Civil, esteve em Aveiro na segunda-feira o sr. Dr. Phil. Herbert Minnemann, professor de português na Universidade de Hamburgo.

Também esteve em Aveiro na segunda-feira o sr. Coronel Vaz Monteiro, antigo Governador de S. Tomé e Príncipe, que se encontra na sua casa de Avanca.

Depois de ter passado algum tempo de férias em Espinho, retomou o exercício das suas funções o sr. Dr. Alvaro Sampalo, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

Parte hoje de automóvel para Madrid, com sua esposa, o sr. Prof. Boaventura Pereira de Melo, Adjunto do Director Escolar do Distrito.

O Correio do Vouga deseja a ambos magnífica viagem.

Também se encontram de viagem pelo estrangeiro os srs. Dr. Mário Damas Mora, médico em Lisboa e Dr. Fernando Costa e Almeida, médico em Anadia.

Regressou da sua digressão por Espanha o sr. Dr. Euclides Araújo, ilustre professor do Liceu Nacional de Aveiro.

Partiram para Espanha os srs. Dr. Jaime Luís Neves e Amadeu Ala dos Reis, com suas esposas.

Esteve em Aveiro, de regresso do estrangeiro, o sr. Coronel Armando Larcher, Director Geral dos Serviços de Censura.

Gratifica-se quem encontrou um brinco desde a Avenida até ao Parque. Informa esta Redacção.

Retiro espiritual

para mães e irmãs de sacerdotes

Do dia 10 ao dia 13 deste mês, realiza-se no Colégio de Nossa Senhora de Fátima, desta cidade de Aveiro, um Retiro Espiritual para mães e irmãs de sacerdotes e seminaristas.

Terá início às 6 horas da tarde do dia 10 e as inscrições, que terão um número limitado, serão feitas no mesmo Colégio, devendo as interessadas dirigir-se à Rev. Madre Superiora daquele estabelecimento.

A importância total a pagar é de 70\$00, sendo 20\$00 entregues no momento da inscrição, que deverá ser o mais breve possível.

Soldados de Portugal para a provincia de Macau

Um novo contingente de tropas metropolitanas vai, a esta hora, a bordo do paquete «India» a caminho das terras longínquas de Macau, uma das mais afastadas parcelas do Império português, que nem pelo facto da distância, é menos portuguesa, menos fiel à Mãe-Pátria ou menos considerada pelos governantes da Nação. Este importante contingente militar leva consigo, bem consciente, o espirito da nobre missão a desempenhar: uma função pacífica por excelência, o exercício dum pleno direito de manutenção da soberania numa terra indiscutivelmente, pertença, do Portugal Imperial — uno e indivisível.

Na véspera da partida, visitaram o «India» os Ministros da Marinha e do Exército, acompanhados de diversas entidades oficiais, observando as excelentes instalações do navio, perfeitamente adaptadas para o transporte dos cabos, soldados, sargentos e oficiais.

Naquele mesmo dia, pela manhã, celebrou-se Missa, na Igreja da Graça, dedicada aos expedicionários que estiveram presentes na sua totalidade.

Dentro de semanas a população macaista receberá jubilosamente estes novos mensageiros da Pátria distante, soldados perfeitamente preparados para o cumprimento integral dos seus deveres — deveres que são um título de orgulho, e que é a mais bela condecoração que pode algum dia brilhar nas suas fardas.

COLÉGIO NACIONAL

(PARA O SEXO MASCULINO)

TELEFONE 16 - ANADIA

Curso completo dos liceus (1.^o, 2.^o e 3.^o ciclos). Ciclo Preparatório e Curso Geral do Comércio. Instrução Primária e Admissão ao Liceu e Escolas Técnicas.

Internato. Higiene. Ambiente familiar. Assistência médica. Salões de estudo orientados por professores. Educação moral e cívica.

Este Colégio reabre em Outubro profundamente remodelado nas suas instalações e no seu corpo directivo e docente.

Para informações dirigir-se a

D. Albertina Oliveiros, Telef. 42 — Dr. José Luís Branco, Telef. 35, ou à Secretaria do Colégio, Telef. 16.

Estão abertas as inscrições

EVOCAÇÕES

JÁ não sei quando foi que, no decurso normal desta vida que contente abracei, fui nomeado, segundo as normas do tempo, Cónego Capítular da Sé de Coimbra, com onus de ensino no Seminário.

Nem eu nem ninguém nas circunstâncias, como é de crer, como é mais do que natural, naturalíssimo, poderia ter a pretensão de ser *persona grata* aos antigos Capitulares.

Como o bolo era uno, perfeitamente definido, integral, matemático, incapaz de hipertrofias, de elasticidade, de multiplicação à maneira dos pães e dos peixes no deserto de Cesareia, já se sabe que um qualquer que viesse de novo a partilhar dele à mesa comum era considerado, debaixo do ponto de vista puramente humano, puramente animal, um agressor. Isto não tirava porém que, por outro prisma mais elevado, pelo prisma cristão, o mesmo agressor, o mesmo causador de um dividendo menor, fosse saudado como um benvindo e se lhe dessem fraternalmente nas faces os dois ósculos de caridade.

Onde Jesus toca, tudo se eleva.

Ser-me-á licito recordar neste momento a inocentíssima graça de um desses velhos companheiros do Côro, capaz de dar uma fortuna por um dito de espírito, pronto a rir da sua mesma desgraça, o qual, quando eu me adiantava para a estante coral para entoar a antifona simbólica do acto da posse, não se teve que não murmurasse do seu cadeiral: — escolham-lhe o *De profundis*.

Por acaso não foi o *De profundis*, foi o — *Ait latro ad latronem*.

Ainda mais fúnebre.

*

Desde então, sem falhar um dia até à festa da Ascensão do Senhor de 1909, eu saía do Seminário à hora marcada, atravessava as Tílias, saudava o Brotero, entrava na Sé, e, cumprida a obrigação canónica, refazia ao inverso o mesmo caminho do Seminário.

Foi isso apenas, e o França Amado o que eu fiquei a saber de Coimbra.

*

De tempos a tempos esperavam-me na Sé, para se confessarem, dois pequeninos penitentes que eu tinha: o José de Sousa e a sua irmã Maria Lucila, a Carochinha.

Quando os deixei para ir para a África não teriam muito mais talvez do que à idade escolar.

O José de Sousa vi-o mais tarde uma vez no Gerez, já crescido, já aluno da Universidade, segundo creio e sei que morreu prematuramente em Novo Redondo, vítima de febres e de trabalhos.

A Maria Lucila é que toma agora um vulto enorme nestas minhas pobres Evocações.

Mas não foi do nosso encontro em Coimbra, por ocasião das festas jubilares do C. A. D. C., não foi das vagas

recordações do passado, que então evocámos, não foi daí, desse curto intervalo entre as duas partes da magna Sessão magistral, que esta figura tomou aos meus olhos proporções sublimes. Na ocasião só perguntaria a mim mesmo como foi que aquela criancinha que eu quase sôbre os joelhos confessava na Sé de Coimbra, me aparecia agora com a cabeça toucada de neve, com os olhos cansados, mal se lhe descobrindo no rosto os vestígios da antiga infância. Ela teria perguntado por sua vez a si mesma como foi que aquele jovem sacerdote que a confessava em Coimbra estava agora assim um velho Bispo, mal se aguentando nas suas pernas, mal podendo com o próprio báculo a que se encostava.

*

Esta Maria Lucila — é agora que ela começa a crescer de uma maneira assombrosa — teve uma filha que morreu há pouco, aos 18 anos de idade, no Instituto de Lisboa com um cancro num dos joelhos.

O que eu sei da coragem cristã desta criança, do milagroso heroísmo com que ela suportou, com o sorriso e a contracção nos lábios, os mais atrozes suplícios que pode sofrer a mísera humana carne, o que eu sei desse céu e desse inferno ao mesmo tempo sôbre a sua cabecinha doirada, não é próprio para aqui: há coisas que, embora sublimes, são tão íntimas que é melhor deixá-las discretamente na sombra.

Um dia a mãe, ao dar uma injeção à menina, percebeu que a agulha se partira como num pedaço de riço granito. Foi a revelação do mal que traiçoeiramente se agachara naquele canto do virgínio corpo, e tomara aí posição para os seus implacáveis ataques, até ruína total.

Vitor Hugo dizia que uma das suas maiores tentações contra a fé na existência de Deus, era o polvo, *la pieuvre!* porque, dizia ele, na sua linguagem grandiloqua, eu posso perdoar ao leão que coma o homem com as suas mandíbulas, o que não posso perdoar é ao polvo que o beba com os seus tentáculos.

Mas então o que devia dizer do cancro? O leão e o polvo concluem a sua horrível tarefa em poucos instantes, mas o cancro come ou bebe hoje uma gota da nossa vida, socega enquanto a vítima se debate com dores, e amanhã torna a fazer o mesmo, aumentado progressivamente o sofrimento da sua preza, e assim lentamente, ia a dizer calculadamente, noutra espécie ainda mais cruel vivificação, até vir a morte enterrá-los finalmente a ambos no mesmo sepulcro.

Mas nós podemos lá meter-nos a investigar os desígnios imprescritíveis da Creação?! Podemos lá ter o atrevimento de dizer ao Divino Artista que neste ou naquele ponto Ele falhou?! Para mim tanto é o Crea-

dor que concebeu e realizou a alvéola que sobe a cantar para a luz, como é o Creador do bicho-concho ou dum mosquito, que nos acorda e nos morde, e ainda por cima, largando-nos a sua baba, nos esgarnece.

*

O que foi desde então até ao último instante a vida dessa Senhora das Dores, nós poderemos pensá-lo de qualquer maneira, mas sem chegar nunca ao fundo dum tal oceano de lágrimas.

Quando a jovem siberiana de Xavier de Maistre, dobra a última esquina do panorama, o pobre pai, diz o autor, volta triste para a sua cabana sentindo sôbre a cabeça todas as dôres que o coração humano pode sofrer sem estalar e morrer.

Esta também. E mistério é grande que o seu coração não tenha estalado e morrido a um tal golpe.

A carta que ela escreveu a uma religiosa do seu sangue e da sua afeição e que tive licença de publicar no "Correio do Vouga", é um clamor de saudade e de dôr tão angustiosa, tão vibrante, e ao mesmo tempo de uma tal doçura, de uma tal piedade, que eu creio que ele possa ser para todos de imorredor lição.

Minha Ex.^{ma} Prima

E' comovidamente que venho, em meu nome e de meu marido, agradecer a V. Ex.^a a bondade das suas palavras, nesta hora em que a dor nos esmaga para sempre.

Já a visita de V. Ex.^a à Casa de Saúde foi para o nosso coração de pais motivo de grande reconhecimento. E tenho a convicção de que a pequena muito gostou de se sentir lembrada por V. Ex.^a naquela hora em que tanto sofria sem desconfiar de que o seu fim estava tão próximo.

A querida pequena levou a atroz doença com heroísmo. O seu sofrimento foi horroroso, e ainda moralmente foi grande o seu martírio, vendo-se inutilizada aos 18 anos. Pobre criança, que, vendo-se assim, tantas vezes me dizia:

— "Como é triste ver-me assim aos 18 anos..."

Mas naquela alma, que o Senhor burilou na sua aoença, jamais nasceu um pensamento de revolta: cumpria com simplicidade a vontade de Deus.

Consolava-me ouvi-la ao perguntar-me:

— "Mãezinha, como podem sofrer aqueles que não têm fé?"

E se pedia a Deus "uns momentos" de alívio nas suas dores horrorosas, acrescentava sempre:

— "Mas que a vontade de Deus seja feita..."

Eram de uma agonia imensa as horas da sua vida. Oferecia-se pelos pecadores, e no meio do seu martírio eu via aqueles olhos, onde se lia tão grande elevação, perguntar-me com candura:

— "Mãezinha, eu já teria salvo algumas almas?"

Uma graça de Nossa Senhora de Fátima em Espanha

Segundo se leu no "Diário do Minho", parece que a passagem de Nossa Senhora de Fátima por Espanha, foi assinalada por uma graça a que se refere a imprensa espanhola e especialmente revistas católicas da maior consideração.

O caso extraordinário teve lugar na vila de Rota e que parece verdadeiro milagre, como o consideram essas publicações, embora declarando não quererem antecipar-se ao juízo da Igreja.

E' o seguinte: Habita nessa vila um pobre pedreiro, casado e com 5 filhos, considerado pessoa bondosa e séria, com 38 anos de idade e vivendo exclusivamente do seu trabalho.

Chama-se José Castellanos Perez.

Há uns cinco anos, e em consequência de uma pielo-nevrose, adquirida na última guerra civil espanhola, ficou inutilizado, tendo de usar muletas e de mover-se quase que arrastando-se dentro de casa carecendo de auxílio alheio para tudo por ter a mão direita paralisada.

Estimado pelos conterrâneos todos o lamentavam e de tal modo era impressionante o seu estado e o seu esforço de trabalho para poder sustentar-se e à família, que o Governador Civil, comovido com isso, lhe entregou pessoalmente uma casa para ele habitar gratuitamente. Continuou com sacrifício a viver assim, sem outros recursos, pois eram insignificantes os que pelo seu trabalho angariava, que não fossem os que almas caritativas e a A. C. F. lhe dispensavam. Os seus trabalhos manuais eram apenas aqueles que a sua única mão — a esquerda — lhe permitia.

Consistiam eles na sua maioria em fazer caixilhos de arroz, areia e outros materiais que invariavelmente dedicava a estampas da Santíssima Virgem em diversas invocações.

Quando a Virgem de Fátima passou na vila, recebeu com ardente fé a benção dos doentes e, embora não se curasse nem sentisse melhoras, saíu do templo, segundo dizia, com a mesma fé com que entrara.

Desde então, desenganado da medicina, fez-se devoto ar-

Perdoe, Minha Boa Prima, este deixar correr a pena dum coração materno que sofre e que continuamente relembra a pequena cuja saudade a esmaga.

Só a fé me pode dar coragem para sofrer resignadamente e sem um queixume o golpe cruel com que o Senhor foi servido experimentar-me.

Mando-lhe, Minha Prima, um artigo de V. G. sobre a querida pequena. Depois mandarei a memória dela.

Com os nossos renovados agradecimentos, peço para apresentar à M. S. os nossos cumprimentos.

*De V. Ex.^a prima
muito grata*

M. L. S. M.

dente da Senhora de Fátima e dedicou-se a rifar quadrinhos da sua imagem por ele feitos para obter alguns recursos. Persistindo na sua fé, um dia, um domingo, pelas duas horas da tarde, encontrando-se em casa e acabando de pintar um dos quadros de Nossa Senhora de Fátima, fatigado, por estar a trabalhar há duas horas só com a mão que podia mover, olhando a imagem, exclamou: "Virgem Santa... se eu pudesse terminar teu retrato com a outra mão..." Então, com grandes esforços, procurou colocar o pincel entre os dedos mortos da sua mão direita...

Nesse momento, diz ele — "senti uma emoção estranha em todo o meu ser... Os dedos adquiriram agilidade, seu braço imóvel movimentou-se; senti o impulso de se pôr em pé e com assombro o fez imediatamente, vendo-se vigoroso e forte, arrojando de si a muleta em que se apoiava e estendendo o braço que havia anos não podia mover.

Excitado, gritou por sua mulher que acorreu logo imaginando, ao vê-lo, que ele enlouquecera, mas ele abraçou-a para lhe mostrar que estava completamente curado.

Logo, tomando em suas mãos, o quadrosito que queria acabar, dirigiu-se com ele à igreja, distante um quilómetro da sua casa, para agradecer à Virgem, deixando a seus pés, como ex-voto, o mesmo quadro que fora causa da sua cura. O caso, é claro, emocionou toda a população.

Parece tratar-se, com efeito, de um verdadeiro milagre.

Nesse dia tinha ele terminado uma novena à Virgem de Fátima.

NA CURIA

Festas Regionais das Vindimas

Curia, 26 — Durante o mês de Setembro realizar-se-ão, na Curia, as já tradicionais "Festas das Vindimas", organizadas pela Curia Palace Sports Clube, que sabe revesti-las sempre de um cunho de importância e graciosidade.

Como nos anos anteriores, efectuar-se-á um sugestivo Concurso de Chapéus Ornamentados e uma grande festa denominada "A Noiva da Bairrada". Haverá também um sensacional Concurso de Vestidos de Chita. O Curia Palace Sports Clube instituiu valiosos prémios para todos estes acontecimentos das Festas das Vindimas.

Despertarão igualmente muito interesse os Jogos Florais, que compreendem dois concursos poéticos de exaltação da "Uva" e das "belezas da Curia". Para cada um destes concursos há igualmente três valiosos prémios. O prazo para a recepção das quadras foi prorrogado até ao dia 5 de Setembro.

Tudo se conjuga para que as festas promovidas pelo Curia Palace Sports Clube obtenham assinalado êxito. E a Curia, no centro da Bairrada, vai viver dias de grande realce e beleza.



FALAI, SENHOR...

No Evangelho está a divina resposta

Jesus entrou na casa dum fariseu importante. Era em dia de sábado. Tinha trazido para ali um homem atacado de hidropisia. Todos os presentes se puseram a vigiar Jesus. Aos mestres da Lei e aos fariseus Jesus perguntou: é permitido curar em dia de sábado?...

S. LUCAS, XIV

O domingo é o bem de Deus, é o seu dia, é o dia do Senhor... Com que direito tocais naquilo que vos não pertence?

S. CURA DE ARS

Eu dei-vos o exemplo. Procedei como eu. Esta palavra é uma espécie de testamento espiritual superiormente práctico.

De facto, tudo nos interessa em Jesus: aquilo que faz ou recusa, aquilo que diz, a própria maneira de falar, um gesto, um olhar, uma atitude, os seus silêncios carregados de sentido, o seu trato sempre digno e tão variado, a serenidade incomparável da sua luta constante com os inimigos que de todo o lado o cercam.

Mais uma cilada, entre as muitas que lhe foram tecidas, e bem preparada, ao que parecia. Iam acabar as manobras escandalosas do agitador. A ralé impura breve perderia o seu mestre e amigo. A piedade de Israel não tardaria a ser vingada. Assim o criam os cúmplices da trama.

Era num sábado. Terminada a oração matinal, esvasiava-se a sinagoga. A passo medido, rigorosamente medido, não fôsse um descuido em tão grave caso encurtar os dias da vida, regressavam os fariseus. Um gesto grave de cabeça do seu maior, para fazer ressaltar mais a honra que é prestada, faz-se convite mudo que Jesus aceita.

A sala da refeição oferece um espectáculo que, por ser vulgar nos caminhos de Jesus, não deixa de ser confrangedor. Tinham colocado ali um doente, um verdadeiro farrapo humano, carnes flácidas a ameaçar podridões repulsivas, amortecido pela hidropisia que o requemava em sedes insaciáveis. Jesus olha-o, mudamente, compadecido. Ao redor, fariseus e escribas fingem de desinteressados, mas espream-no de esconso. Se ele proceder à cura, o sacrilégio é manifesto. Estará perdido, que as testemunhas são altamente qualificadas.

O sábado é sagrado. Nem um fogo se pode apagar em tão santo dia; nem dar dois pontos de costura; nem escrever duas letras, a não ser que seja escrita uma com a mão esquerda, outra com a mão direita, ou ainda uma de manhã e outra de tarde. O simples transporte de folhas ver-

A propósito: Preparava-se um rapazito para a sua primeira Comunhão. Preparava-se com toda a devoção de que é capaz uma alma de criança. Ouviu dizer na Catequese que é pecado grave trabalhar ao domingo. Precisamente nesse domingo, ao regressar a casa, encontra o pai todo afeitado a trabalhar.

des de alho ou de cebola no peso dum figo seco, dizem-no os Mestres da Lei, é transgressão grave do dia do Senhor. Quem tiver uma dor de dentes não pode lavar a boca com vinagre, desde que o não beba a seguir. Se o deitar fora, praticou medicina e violou o dia santo de Deus.

As muitas centenas de preceitos positivos e negativos passam pelas mentes anquilosadas dos fariseus naqueles momentos de expectativa ansiosa. O olhar límpido de Jesus ergue-se do doente e pouca vagaroso nos rostos impassíveis que o fitam. *E' permitido curar ao sábado?...*

Esta pergunta não estava prevista no programa da intriga. Embaraçados, — que sofismas não iria apresentar o agitador? — conservam-se prudentemente calados e Jesus autoriza-se do seu silêncio como duma concessão preciosa. Pega no enfermo pela mão, ergue-o curado e assim, no mesmo religioso silêncio, despede-o com um gesto afectuoso.

Para encobrirem a sua confusão, lançam-se os presentes à disputa assanhada dos lugares mais distintos à mesa. Nem a menor deferência para o convidado de honra. Suas preciosas pessoas não podiam abdicar das distinções a que tinham estrito direito. Não eram eles os bons?

Jesus acabara de dar-lhes uma lição de apostolado. A vida dum homem valia mais que um bezerro e eles não deixariam de tirar este do poço, se ele lá caísse mesmo em dia de sábado. *O sábado é feito por causa do homem.* A disputa dos melhores lugares oferece ao Mestre oportunidade logo aproveitada duma lição de boas maneiras. Não é bom procurar os primeiros lugares. Um mais digno pode vir arrancar-nos deles. O último lugar é sempre preferível. Ninguém no-lo disputa e pode até acontecer que sejamos convidados depois a ocupar lugar melhor. O orgulhoso acaba sempre por ser confundido pelo seu próprio orgulho.

João Ninguém

Branca

Branca, 21—Afim-de inaugurar a luz eléctrica em Nobrijo, deslocou-se a esta freguesia no passado dia 15 do corrente, o sr. Francisco Pires de Miranda Ferreira da Silva, Vice-presidente da Câmara Municipal do nosso concelho de Albergaria-a-Velha, em representação do seu Presidente, sr. Comendador Augusto Martins Pereira, acompanhado do Sub-delegado de Saúde sr. Dr. José Arnaldo Quina Ferreira, director dos Serviços Municipalizados de Electricidade, sr. Dr. Armando de Albuquerque e do distinto advogado sr. Dr. Manuel Homem.

Foram recebidos à entrada do lugar por uma comissão representativa desta freguesia, constituída pelos srs. António Pereira da Silva, presidente da Junta, P.e Manuel Valente dos Santos Conde, pároco da freguesia e Manuel Rodrigues Tojal.

O acto, que se realizou pelas 11 horas, foi assistido de muito povo, seguido de francas manifestações de regosijo e entusiasmo.

Seguiu-se um almoço na residência do sr. Augusto Domingos Venda, presidido pelo vice-presidente da nossa Câmara. Aos brindes fizeram-se vibrantes afirmações de fé nos destinos desta freguesia, do concelho e de Portugal salientando o valor do melhoramento acabado de realizar.

C.

Murtosa

Murtosa, 22—Nos dias 7 e 8 de Setembro vão realizar-se as festas do S. Paio da Torreira, cujo programa está a ser delineado pelo rev. Padre Manuel Nunes, pároco daquela freguesia, com a colaboração da Junta de Turismo da Torreira, que subsidia aquelas festas.

—A Câmara Municipal deste concelho vai realizar no próximo dia 9 de Setembro o 12.º Concurso Pecuário de gado bovino, turino e marinho, para o que ofereceu a importância de 2.000\$00. Este Concurso, que é sem dúvida uma importante exposição de gado bovino, que muito honra esta região, é orientado pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, que também o subsidia, bem como a Junta Nacional dos Produtos Pecuários, o Grémio da Lavoura deste concelho e entidades particulares.

(Continua na pág. 7)

— Paizinho, hoje é domingo!

— Já sei, responde o pai. E a criança enche-se de coragem:

— Não sabes que é pecado trabalhar ao domingo?

— Sei muito bem. Mas também que é preciso comer e o comer é preciso suá-lo muito suado. Não cai das telhas. Sem trabalho não há dinheiro e sem dinheiro não há pão.

— Muito bem, paizinho, não trabalhes, que eu hoje não como!

E o trabalho parou entre lágrimas de arrependimento.

Ainda Aljubarrota

(Continuação da 1.ª página)

Aljubarrota, Alcobaça e Lisboa, por onde havia de passar o inimigo, na sua marcha sobre a capital. O seu fito era escolher naquela cumieira um local propício para embargar o passo e dar batalha ao numeroso exército invasor.

Logo ao Sul do Mosteiro nasce uma colina muito alongada, que se prolonga até à vila de Aljubarrota, numa extensão de três léguas, aproximadamente.

Pelo dorso desta colina extensa, de setenta a oitenta metros de altitude, corria o velho caminho do Sul, pelo menos o caminho medieval.

Terreno abaulado, faixa estreita com rápido declive para os lados, e estes sulcados de barrancos e limitados por dois ribeiros paralelos, um de cada lado do caminho, era o sítio ideal para a pequena hoste enfrentar o vistoso e copioso exército e precaver-se contra um natural envolvimento.

Voltando a Porto de Mós, o grande guerreiro comunicou o seu plano ao Rei, e na madrugada do dia seguinte, seriam cinco horas, já o Condestável estava a dispôr a sua gente em ordem de batalha, pois saíram pela calada da noite do acampamento.

Segundo a nova tática inglesa, em que era mestre o gigante loiro João de Montferrat, formaram em quadrado.

Onde se colocaram?

A vanguarda, de rosto para Leiria, na eminência da colina que atrás refiro, a vigiar, em baixo, o vale em que assenta hoje o Mosteiro. Uma ala de cada lado, e atrás, a algumas centenas de metros, a retaguarda, onde estava o Rei. Mais para trás, um curral que improvisaram, para o gado e bagagens, pois a batalha havia de ferir-se a pé, como já acontecera nos Atoleiros.

A guarda avançada do exército inimigo apareceu, porém, tarde. E vendo a hoste naquela excelente posição, em ordem de combate, estacou, e todo o grosso do exército fez o mesmo.

Os castelhanos, receosos e hesitantes, decidiram por fim ladear e ultrapassar a hoste portuguesa, pelo lado do poente, como quem foge à luta, mas foram depois postar-se-lhe ao Sul, na retaguarda.

O Condestável percebeu a manobra.

A frente portuguesa fez meia volta e marcha para o Sul. Passa pela gente da retaguarda, que abre alas, e vai postar-se precisamente no sítio em que está a capelinha, que é a frente mais estreita daquele apertado planalto.

Ali ficou cara a cara com o inimigo, esperando ansiosamente a tardia decisão deste.

*

Não maçarei os meus imaginários leitores com a descrição da celeberrima e fulminante batalha, que decidiu dos destinos de Portugal e lhe facilitou o dar «mundos novos ao mundo».

Nem tão pouco falarei dos ditos alegres e profecias de Montferrat; dos lances e votos dos mais audazes cavaleiros; do disfarce da indumentária do grande general de vinte e cinco anos, com a sua jaqueta de lá verde, bordada de rosas sobre a armadura completa; nem da lendária ou verídica padeira, cuja pá tomei nas minhas mãos comovidas e que, de tão velhinha, faz crer que seja autêntica; nem finalmente mofarei da fuga precipitada do rei de Castela, pobre mancebo de vinte e seis anos, a arder em febre. Demais, nem amo a guerra, nem quero mal a esse povo irmão, cuja vocação civilizadora e cuja Arte me não canso de estudar.

Além disso, como o poderia fazer com a eloquência de Oliveira Martins ou com a perene frescura de Fernão Lopes?

O meu intuito foi simplesmente referir-me à Ermida de S. Jorge, motivo deste pequeno comentário, em satisfação do judicioso reparo que referi.

E, já agora, aproveito o ensejo para transcrever aqui a inscrição que a muitos escritores tem passado despercebida, até ao próprio Oliveira Martins, que dela não faz menção na obra citada.

E' o seguinte o seu texto.

ERA DE MIL E QUATROCENTOS
E TRINTA E HUN ANOS NUNAL
VARES P.EIRA CONDE ESTABRE
MANDOU FAZER ESTA CAP
EELA A ONRA DA VIRGÉ MARIA POR
QUE ENO DIA QUE SE FEZ AQI ABA
TALHA QUE ELREY DE PORTUGAL OUVÉ CÔ ELREY
DE CASTELA ESTEVE EN ESTE LOGAR A BANDEI
RA DO DITO CONDE ESTABRE

Nota:—A era é de César, que ainda então vigorava. Corresponde ao ano de 1393, da nossa Era. Foi, pois, edificada oito anos depois da batalha.

*

A paciente leitura, na própria lápide, desta singela inscrição, quase sumida, foi para mim reveladora e consoladora.

Pelo Seminário

Ex nihilo nihil fit

Do nada nada se faz.

O Padre De Augustinis, da Universidade Gregoriana de Roma, quando se chegava a este clamoroso grito de ataque contra o facto aliás patente e inegável da Criação, levava dois ou três dias a deitar abaixo o que deitaria abaixo, sem se mexer muito e sem lhe custar nada, absolutamente nada, o dedo de uma criança ou a patinha de uma formiga.

Está bem de ver que tinha de ser alguém que tirasse a primeira matéria do nada, porque de outra maneira a primeira matéria tinha que ser eterna, quer dizer, tinha que ser Deus; e a matéria, limitada como é, sujeita a medidas de extensão, de volume e de peso, mais palmo menos palmo, mais quilo menos quilo, mais grama menos grama, não tem jeito algum ser Deus.

Nós podemos falar da imensidade dos mares, mas imensos é que eles não são; têm um número certo e determinado de gotas; eternos portanto não são.

Eterno, segredo absoluto e imprescindível da Criação, fonte originária de todo o ser, eterno, só Deus.

Mais claro do que isto nem a luz do sol ao próprio pino do meio dia. E isto não leva dois ou três dias a dizer ou a comentar.

Ex nihilo nihil fit. Está muito bem se se trata das criaturas.

Miguel Angelo pôde fazer o seu Moisés, mas foi preciso que lhe dessem o mármore. Não lhe bastou dizer: — haja Moisés, para ali num pronto haver Moisés.

Eu poderia fazer ou acabar o meu Seminário, mas era preciso que me dessem pedras, que me dessem tijolos, que me dessem telhas, que me dessem massa, que me dessem paus. Não basta dizer: — haja Seminário, para ali num

pronto, como quem abre o interruptor para dar luz à casa, haver Seminário, erguer-se do chão Seminário quando se trata de Deus o caso é diferente, embora não se perceba bem como é; como seríamos nós, morceguinhos, capazes de suportar tanta luz? Como havíamos nós, toupeirinhas, de perceber como estas coisas se fazem? Ele diz: — Haja, e há logo.

* * *

Esta pequena digressão teológica foi provocada pela falta de matéria prima para a minha crónica; e é claro, como eu não sou Deus, como eu não posso criar nem sequer inventar esmolhas, como não posso fazer dinheiro do nada, nem mesmo das pedras de Nogueiró, tive de me justificar com o velho enunciado *Ex nihilo nihil fit* para pedir perdão aos leitores de lhes apresentar hoje, em vez de dois ou três algarismos adiante do zero, o próprio zero, nu, solitário, quer dizer, um imponderável no sentido mais rigoroso da palavra, ou se quiserem, um destes bilhetes da sorte que se abrem com os dedos a tremer e saem brancos.

Como poderia eu então escrever o que quer que seja se não me dão tema, se não me sopram, como se diz do teatro, a deixa?!

Ex nihilo nihil fit.

* * *

Dizem-me que ontem, na imensa multidão do Sameiro, era de regalar os olhos o número de seminaristas de toda a espécie que se juntaram na Missa Campal, à volta do altar e de Nossa Senhora de Fátima.

Um qualquer deles poderia aqui vir, à falta de assunto, fazer a sua prelecção *Pelo Seminário*.

Ele nos diria com certeza

E' que, sabendo que a batalha não se teria ferido em Aljubarrota, que fica a 14 quilómetros do Mosteiro, nem no local deste, que foi escolhido pela abundância de água e fertilidade do terreno, não sabia precisamente o sítio, pois nunca lera o estudo do general Sandoval. Ora a lápide é categórica, pois que diz "que se fez *aqui* a batalha".

Ouso afirmar que, D. Nuno, duma via fez três mandados:

1.º — Cumprir, à sua custa, o seu voto à Virgem Maria, que havemos de crer que o ouviu. (Notar que a capela foi edificada em honra de Nossa Senhora, o que eu ainda não tinha visto referir.

2.º — Homenagear S. Jorge, que em tantos lances invocou, e que está no altar, na sua imagem equestre, — o que, a meu ver, deu origem à denominação de capela de S. Jorge.

3.º — Marcar, com aquele *padrão* sagrado, o local preciso da batalha, onde esteve arvorado o seu estandarte, e onde tão fervorosamente orou.

Segundo os cronistas, a luta não durou mais que meia hora. Anoitecia. A vila de Aljubarrota dista daquele local dez quilómetros. A hipótese de que a batalha ou a perseguição se estendeu até lá não corresponde à verdade histórica, porquanto o Condestável, receoso de que o exército castelhano se refizesse do pânico, mandou reorganizar o *quadrado* após a luta e permaneceu ali, de noite, com escultas e vigias, pois que uma parte considerável do inimigo não entrou em acção, e cerca de oito mil cavaleiros castelhanos haviam retirado em direcção de Leiria, lado oposto a Aljubarrota.

O nome da batalha não pode vir senão de ser Aljubarrota, ao tempo, a mais importante e próxima terra, naquela corda de povos, à beira da estrada.

Agosto de 1951.

Cédula Pessoal de Identidade Religiosa

O autor da *Cédula Pessoal de Identidade Religiosa*, rev. Padre João Augusto do Nascimento, responde, com a carta que a seguir publicamos, à nota do Correio do Vouga, de 21 de Julho de 1951, Ano XXI, n.º 1.048, sobre o seu trabalho:

Ex.º Senhor

Sob este título acabo de ler no vosso acreditado jornal a apreciação da *Cédula Pessoal* que mandei editar e fico imensamente grato pela oportunidade das suas palavras, tanto no que aprova como no que repara, e mais no reparo que na aprovação. Na verdade, dois vêm mais do que um só. De resto, na circular que junto enviei, pedia exactamente que fossem apresentados alvitres que a colectividade achasse de utilidade comum.

Repito, agradeço e vou procurar responder, segundo o que me parece.

Começemos pelo princípio. No que diz respeito à matrícula de catequese, não vejo nisso necessidade nem utilidade num documento de *Identidade religiosa* pois que há muitos que se matriculam e frequentam, sem nunca aprenderem nem praticarem nada, ou muito pouco, enquanto que a *Primeira Comunhão* ou a *Profissão de Fé*, são prova mais que evidente de que se aprendeu o catecismo.

Quanto à primeira confissão, não sei onde o articulista quer chegar. Haverá alguém que comungue sem se confessar — a não ser os baptizados depois do uso da razão —

alguma coisa dos esforços, dos quase milagres que terá feito a Igreja para bafejar, cultivar, defender e coroar a sua vocação sacerdotal; ele nos diria com certeza alguma coisa dos cuidados verdadeiramente maternos que o tem rodeado, da generosidade dos fiéis, das carinhosas asas dos seus Superiores. Ele poderia trazer aqui a sua conta, e nós por ela poderíamos ver que, ao fim, se lá chegar, ficaria à sua Diocese a peso de oiro.

Seria de ver, como essa lição, aqui estampada e ilustrada com as competentes gravuras, mapas, estatísticas, gráficos, encheria a trasbordar este vazio de Nogueiró, prestaria amplo suplemento à deficiência de outra palavra.

Mas eles sabem lá da minha tristeza? Assistiram com piedoso entusiasmo às cerimónias do Monte, aliviaram os cestinhos dos seus farneis, e lá foram outra vez para os seus místicos pombais a reabrir os livros no próprio ponto onde tinham ficado ao deixá-los a rezar as orações da noite na Capelinha, e a adormecer e dormir sem os sobresaltos e os pezadelos de que padece e se consome, mesmo em Nogueiró, este que se assina inferior ao seu destino.

e alguém que se confesse sem intenção de, pelo menos, comungar uma vez?

Logo a primeira confissão veio junto à primeira comunhão.

Não sei em que consiste a festa da Fidelidade Cristã.

Nós cá para baixo não a conhecemos. Será a Profissão de Fé? Para ela reservámos o respectivo lugar.

Quanto agora à *Comunhão particular*, tenho a informar o articulista de que não leu bem. A *Cédula* traz *Primeira Comunhão* e não *Comunhão particular*.

Não sei a que atribuir aquela insistência — (*particular, porquê?*)

Finalmente, os dados referentes ao casamento não são uma identidade das pessoas, mas um *Certificado de Casamento Católico com efeitos civis*. Ora num *Certificado* há sempre um mínimo e indispensável de dados que identificam. Não se podem ter como ditos. Também, não sei que menos se havia de pôr!...

Depois de tudo isto, permita-me V. Ex.ª uma pergunta, bem intencionada:

— Tratar-se-à duma brincadeira de algum colega conhecido e amigo?

"In hoc non laudo".

Os meus sentimentos pela brincadeira que é de muito mau gosto, pois leva os leitores de boa fé a crerem na inutilidade de um documento que o próprio articulista considera *indispensável a uma organização paroquial harmonizada com as modernas condições da vida*. São palavras textuais.

Com a minha maior consideração, pedia a fineza de publicar estas minhas desprezíveis palavras e de me remeter um exemplar do vosso jornal.

P.e João Augusto do Nascimento

Monsanto-Alcanena

*

Logo que recebemos esta carta, fornecemos ao autor da citada nota o resumo das queixas formuladas pelo rev. Padre João Augusto do Nascimento. Ele responde por sua vez, com a carta que a seguir se transcreve. E' suficientemente reveladora das intenções que teve desde o princípio e que foram porventura mal interpretadas.

Meu caro Amigo

Aceite os meus agradecimentos por todas as suas atenções que não tenho merecido. Vou responder já e com a brevidade possível às suas perguntas.

1. — Quando estudei com o saudoso P.º Teixeira uma *cédula* semelhante à publicada no Patriarcado, encarámos-la como documento que retratasse fielmente o *curriculum vitae*

religioso do possuidor. Daí o registo da vida catequística, algo de bem mais importante do que saber apenas que alguém aprendeu o catecismo.

2. — Na Semana Catequística de Coimbra e no Tríduo Catequístico dos Olivais assentou-se unanimemente nesta doutrina: "é de toda a vantagem, antes de admitir a criança à primeira comunhão, levá-la a confessar-se repetidas vezes". A confissão tem o seu lugar próprio na vida sacramental, independente dos outros sacramentos. A primeira confissão é uma data marcante numa vida cristã. Dizer-se que a gente se confessa *para comungar* é não primar pelo rigor.

3. — A sua estranheza tem toda a razão de ser. Realmente, não existe ainda entre nós a Festa da Fidelidade Cristã. Sustentou-se em Coimbra e nos Olivais a necessidade da sua criação. A iniciação progressiva na vida da Fé seria assim escalonada: a Catequese infantil terminaria na Primeira Comunhão; a Catequese elementar na Profissão de Fé; e a Catequese de Perseverança encerrar-se-ia com a Festa da Fidelidade, entrando-se em seguida na Catequese dos adultos. Essencialmente, a Festa da Fidelidade consistiria na renovação solene das promessas do Baptismo. A descris-tianização crescente da Família aconselharia a desviar da Profissão de Fé essa renovação.

Esta maneira de encarar o problema suscitou, na Semana Catequística de Coimbra, oposições de correcção duvidosa que nem procuraram es-tribar-se em qualquer aparência de razão. Foi reapresentada, porém, no Seminário dos Olivais, sem suscitar reparo apreciável! Não convirá introduzi-la na *Cédula*?

4. — E' verdade que a *Cédula* publicada no Patriarcado não fala de comunhão particular. Eu é que interpretei assim, autorizado pela Circular que vem junta à dita *Cédula*.

5. — Mantenho o meu reparo ao registo do casamento, tal como vem indicado na *Cédula* discutida. Não há lugares para certificados. Apenas se regista um acto importante da vida religiosa: — Casou em... (lugar), a... (data), com F..., etc. Além disso, nem sempre o casamento religioso surte efeitos civis, sem que por isso deixe de ser convenientemente registado. A *Cédula* é, por hipótese, de identidade religiosa e não civil. *Et voilà!*

Já agora acrescento mais um reparo — com sua licença — construtivo: ao menos para os nossos meios rurais, não é praticável o que na *Cédula* se estabelece para a Desobriga. Diz o meu caro Amigo que as minhas pobres considerações foram tomadas como "brincadeira de muito mau gosto"! Que lhe hei-de fazer?...

Não é meu costume brin-

(Continua na pág. 8)

MOTOS JAWA

A Firma **Frazão & Oliveira, Lda.** tem a honra de informar a sua Il.^{ma} Clientela que é distribuidora exclusiva, em todo o distrito de Aveiro, destas inigualáveis motos checoslovacas.

Aceitam-se sub-agentes em alguns concelhos ainda vagos

FIXE BEM Frazão & Oliveira, Lda. - Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232 B - AVEIRO

MORRIS MORRIS-COMERCIAL

CONCESSIONÁRIOS NO DISTRITO DE AVEIRO

Auto-Comercial de Aveiro, Lda

Automóveis - Camions - Fourgonetes

Estação de Serviço :

AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO

STAND :

RUA DE VIANA DO CASTELO
AVEIRO

TALABRIGA

Bicicleta com forqueta elástica a banho de óleo «Trindade»

Construção especial e modelos devidamente estudados para aplicação de micromotores :

«GUCIOLO» «ALPINO» «PIROTA»
«CAB» «VAP» «EOLO» «HEMY» «LUTZ» etc.

Resistência — Comodidade — Conforto

Armazém Importador de Bicicletas desde 1895

TRINDADE, FILHOS AVEIRO

Telefone P. P. C. n.º 59 e 535

CASAMENTOS! ANIVERSÁRIOS!

Poupe tempo e dinheiro
Presentele com artigos da
Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124—AVEIRO

A Fátima

A Auto-Viação Aveirense participa ao público que aceita inscrições para viagens a Fátima, em todos os meses, com visita ao Castelo do Bode. As inscrições são feitas no seu escritório, à Rua das Barcas, n.º 12 — onde se prestam todos os esclarecimentos. Os lugares serão numerados conforme a ordem da inscrição.

Terreno para construção

Vende-se um lote de terreno com 12 metros e 40 de frente, e 30 metros de comprimento, no total de 372 metros quadrados, situado a meio da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho (2.º talhão da Rua Engenheiro Oudinot).

Dão-se informações no Grémio do Comércio de Aveiro, em todos os dias úteis.

Restaurante "O ARCADE"

No centro da cidade, no café do mesmo nome, nos baixos do

ARCADA HOTEL

Serve refeições e à lista

Aceitam-se comensais
a preços módicos

Telefone 421

A ÓPTICA

Aviamento rápido de
receitas

Telefone 274 AVEIRO

Última novidade!!!

FORMAS BRASILEIRAS

Assa, grelha, gratina e cose bolos,
carne, peixe, em todos os lumes.

Casa das Utilidades

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 241

Arcada Hotel

O único de Aveiro, à beira da
Ria, com quartos confortáveis e
bom serviço de mesa.

TELEFONE 78

Armações - Lentes - Oculos de Sol

Aviamento de receitas médicas

A ÓPTICA

Rua de José Estêvão, 23

AVEIRO

Telefone 274

Dr. Rui Clímaco

MÉDICO ESPECIALISTA

Antigo interno da Clínica Psiquiátrica de Coimbra

Doenças do sistema nervoso

COIMBRA: Avenida Navarro,
6 - 1.º — Tel. 4445

EM AVEIRO: Consultas todos
os sábados às 13 h.

Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 43

Nas mais graves
doenças de pele

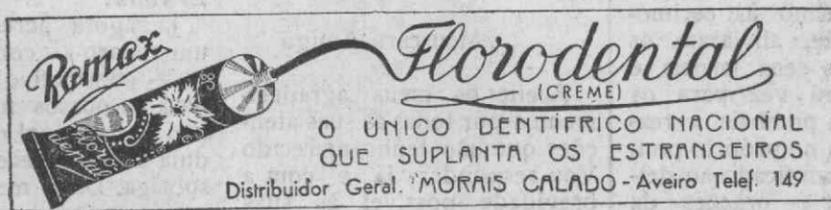
use só

Sametil

à venda em todas as Farmácias

Depositário em Aveiro: **Morais Calado**

Evita os bochechos de clorato de potássio



O ÚNICO DENTIFRICO NACIONAL
QUE SUPLANTA OS ESTRANGEIROS

Distribuidor Geral: MORAIS CALADO - Aveiro Telef. 149

A' venda nas boas casas

Colégio de D. Pedro V

Telefone 69 — AVEIRO

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

Cursos: liceal (1.º e 2.º ciclos),
técnico
e admissão aos Liceus

Matrículas em Agosto e Setembro

Anunciai no "Correio do Vouga,"

Murtosa

(Continuação da 4.ª pág.)

—No dia 29 de Outubro próximo este concelho vai realizar grandes festas, promovidas pela Câmara Municipal, e em comemoração das bodas de prata da sua criação. O programa está a ser elaborado cuidadosamente, no sentido de dar às festas todo o brilho e realce, ao elevado significado da data histórica que vai festejar-se.

—Encontram-se a veranejar na Torreira, com suas famílias, os srs. Dr. Carlos Barbosa Júnior, António da Cruz Barbosa, Dr. Francisco Casimiro Esmeriz de Araújo e Sá e Dr. Manuel Barbosa.

—Encontra-se no exercício das suas funções, como Vice-presidente da Câmara Municipal deste concelho, o sr. Manuel dos Santos Ferreira.

—E' esperado com ansiedade indescritível por toda a população deste concelho, o prosseguimento da Estrada Nacional S. Jacinto-Ovar, cuja importância para o progresso desta região é escusado enca-

recer e que nenhum benefício acarreta para a população no estado em que se encontra.

—Na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra licenciou-se o sr. Dr. Valentim Lopes, da freguesia do Monte, deste concelho.

—No Hospital desta vila esteve no dia 25 a efectuar 4 intervenções cirúrgicas o Ex.^{mo} sr. Dr. Luís Raposo, digno lente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Dentre as operadas notamos a sr.^a D. Maria Celeste Barbosa da Cruz Vaz Portugal, professora oficial. O seu estado é bom e em vias de restabelecimento.

—A Câmara Municipal deste concelho, em sua última reunião, deliberou denominar 8 ruas da vila, consagrando-as a filhos ilustres desta terra, que muito a dignificaram em vida. A sua inauguração realizar-se-á em 29 de Outubro próximo, conjuntamente com um monumento a erguer na Praça do Comandante Jaime Afreixo ao Almirante Jaime Afreixo, saudoso patrono deste concelho.

Lagutrop

Colégio Internato dos Carvalhos

(GAIA)

Para educação de rapazes, dirigido pelos Padres do Coração de Maria

Ensino Primário e Liceal

O COLÉGIO DOS CARVALHOS é o antigo COLOSSO dos colégios do Norte e ainda de todo o País. A nove quilómetros do Porto, com fáceis meios de transporte, numa região poética e saudável, o COLEGIO DOS CARVALHOS pode considerar-se cidadão sem os inconvenientes da cidade, e tem condições vitais como poucos em Portugal.

INTELLECTUALMENTE o COLÉGIO DOS CARVALHOS tem ao seu serviço um dedicado grupo de professores competentes e abnegados, competência e abnegação que se refletem nos resultados do ano que findou numa percentagem positiva de cem por cem nalguns sectores e ultrapassando sempre os dois terços.

DISCIPLINARMENTE o COLÉGIO DOS CARVALHOS tem como norma de governo «FORTALEZA E SUAVIDADE», criando convicções e formando caracteres.

MORALMENTE o COLÉGIO DOS CARVALHOS conta com todo o amor cristão de um Instituto Religioso que prima em fazer HOMENS INTEGRALIS, portanto, CRISTÃOS.

E' nosso ideal alimentar o corpo e a alma dos nossos alunos tão bem ou melhor que os melhores Colégios.

As matrículas estão abertas até 30 de Setembro e aulas abrem em princípios de Outubro

Agência Funerária Capela

DE

AMÉRICO DIAS CAPELA

Serviço permanente

Chamadas a todas as horas

ESGUEIRA

AVEIRO - TELEF. 304

SERVIR

Bom, Bem e Barato é o lema da

Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124 - AVEIRO

A ÓPTICA

vende mais barato

Telefone 274 AVEIRO

Confeitaria Estrela

Doçaria - Pastelaria - Conservas - Fiambres

Queijos - Vinhos - Espumantes

Sortidos finos para chá. Serviços para casamentos, baptizados, copos de água e PORTOS DE HONRA

Especialidades Regionais

Preferida pela superior qualidade dos seus artigos

Rua da Costeira, 14 a 16 — Telefone 211

AVEIRO

Agência Predial

Compra e venda de propriedades.
Empréstimos sobre hipotecas.
Arrendamentos de casas,
avaliações, etc.

Diamantino Simões Jorge

Travessa da Câmara Municipal, 31

AVEIRO

(Junto ao escritório do advogado Dr. Luís Regala)

Camions usados

Diversas marcas e tonela-
gens, vende

Oficinas Gamelas

Rua da Fonte Nova - Telef. 99

AVEIRO

O seu relógio avariou?

Não o inutilize,
confiando-o a inexperientes

Nas oficinas da Ourivesaria
Vieira, L.da, conserta-se rigo-
rosa e conscientemente, com
absoluta garantia para os seus
possuidores.

Trespasa-se

Café, na Costa Nova, em
boas condições, bem afregue-
sado, com mobiliário moder-
no e no melhor local desta
praia, por motivo dos seus
proprietários não poderem es-
tar à testa.

Falar com Manuel Afonso,
Rua do Carril—Aveiro.

Poderá colocar todos os
seus produtos com facili-
dade, anunciando no
CORREIO DO VOUGA

Agência Funerária Saraiva

—DE—

Joaquim Ferreira Saraiva

Sede: MAMODEIRO - Telef. 31

Filial: Rossio, 37 - AVEIRO

Telef. 583

Chamadas a qualquer hora

Transportes Veneza, Limitada

(Ex-Transportes Retinto)

Transporte de mercadorias para todo o país
serviço diário entre Aveiro, Lisboa e Porto

Trav. dos Ourives, 2-4

TELEFONE 476

AVEIRO

Consultório Médico e Cirúrgico

Dr. Ernesto Barros

Consultas: Aveiro-Largo da
Estação, n.º 5-1.º, às ter-
ças, quintas e sábados, das
13 às 19 horas.

Em SALGUEIRO e NARIZ,
às segundas, quartas e sextas,
das 14 às 17 horas

Telef. 167 — AVEIRO

Cabeças Suecas PRIMU
ruidosas e silenciosas
só na

Casa das Utilidades

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 124

FABRICA ALELUIA

AVEIRO

Azulejos — Louças

Painéis com Imagens

Hipotecas

Sobre propriedades e auto-
móveis. Máximo sigilo e ra-
pidez.

Seguros em todos os ramos.

Trata-se em Aveiro — Rua
José Luciano de Castro, 68.

A ÓPTICA

Óculos para todos

Telefone 274 AVEIRO

Ourivesaria Carvalho

A casa que mais convém a
V. Ex.^a pelas suas moder-
nas colecções em JOIAS, OURO, PRATAS e RELOGIOS.

Avenida Doulor Lourenço Peixinho, 56 — Telefone 557

Crónica internacional

Panorama de inquietação

Uma vista de olhos pelo mundo neste período de paz armada em que vivemos desde 1945, numa desconfiança permanente e numa ansiedade crescente — sorrisos que encobrem ódios, palavras de paz que ocultam sentimentos de hostilidade e prenúncios de guerra — não nos dá outra impressão que não seja o inquietante temor de nova conflagração geral, que, pelo que nos deixa antever o que se passou nas duas grandes guerras anteriores e pelo que se anuncia de pavoroso com as novas armas que o engenho humano inventa para a destruição do seu semelhante, será, se Deus nos não acode, o fim do mundo, após o caos em que se converterá a terra arrasada pela metralha.

Os vaticínios apocalípticos andam por aí, expressos em comentários de grandes figuras responsáveis, talvez para deter os ímpetus bélicos que se anunciam percorrendo os espaços ameaçadores de tragédia, ou para preparar a humanidade para a tremenda sentença final, fulminantemente condenatória do seu pecaminoso desvairamento.

Não será, de há muito já, a hora de cumprir a Mensagem da Virgem em Fátima — oração e penitência — em desagravo de tantas e constantes ofensas, repetidas reincidências de crimes e faltas para com o Senhor?

Olhemos em roda

O que vemos? Conflitos por toda a parte, que se não resolvem, reproduzindo-se pelo contrário em novos conflitos de mais difícil resolução ainda.

Ve-se uma Europa desorganizada, envolta ainda, nos mais representativos países, em agitações internas de política partidária, em farandula de ambições, à volta da fogueira em que se encontra o mundo e que ameaça reduzi-lo a cinzas. Os problemas inquietantes da hora que passa são esquecidos para se olhar acima de tudo à conquista do poder ou à conservação do mando. Veja-se a França, em crise constante de Governos, saída há pouco dum prélio eleitoral de arranjos partidários, coligações híbridas, em desagregação, conflitos de interesses e paixões que amea-

D. Duarte Nuno

No próximo dia 9 de Setembro, na Costa-Nova, será celebrado uma Missa Campal, às 13 horas, em acção de graças pelo feliz restabelecimento do Senhor D. Duarte Nuno e de Sua Augusta Esposa.

Após esta cerimónia religiosa, realiza-se um almoço de camaradagem para o qual se contam já muitas inscrições.

Pelo que sabemos, a iniciativa deve-se aos Senhores Dr. Jacinto Ferreira, Dr. Victor Gomes, Prof. Américo Urbano e Severim Duarte.

O trabalho da mulher fóra do lar

DE há muito se agita este problema tanto no campo moral como no aspecto económico da defesa da família. Tanto à Igreja como ao Estado não é nem pode ser indiferente a estabilidade dos lares e o fortalecimento espiritual e material da instituição familiar. É lugar comum, já, afirmar-se ser a família a célula social-base. Família desorganizada é sociedade em perigo. Por isso os Estados lhe reservam nas suas leis protectoras atenção especial, enunciando-lhe nos próprios textos constitucionais, como acontece com o nosso, papel social proeminente.

Ora sabemos que a instituição da família depende de uma disciplina e de uma direcção em que o pai e a mãe exercem funções especiais, diversas, mas ambas convergentes no sentido de a consolidar e fortalecer. E sabe-se também, qual é na boa ordenação da família o papel que compete à mulher, papel mais afectivo do que de disciplina, respeitoso papel moderador entre a autoridade do chefe e a obediência dos filhos, lição de harmonia e de paz nos pequenos conflitos inesperados ou nas divergências quotidianas que projectam sombras na acolhedora claridade dos lares, Função superior de educação e de ordem, mestrado permanente exercia sem violências mas com dignidade e carinhoso aprumo. É uma grande escola a da família quando entregue a um magistério indefectível.

Em tal magistério a missão reservada à mulher é a mais nobre por ser a mais difícil e a mais extensa. O seu exemplo, a sua lição, a todos aproveita, a superiores e a inferiores, aos filhos, aos servos, ao próprio marido. Quantos homens, perante essa lição admirável, exercida naturalmente, sem sobresaltos ou pressões, serenamente edificante de dignidade, se deteem na vertigem do mundo em que dia a dia se veem mergulhados, o mundo falho de lealdade e perturbador de cruentas solicitações!

Reparam no exemplo nobilíssimo da mulher que escolheram para sua companheira e colaboradora na vida, conselheira e amiga leal de todas as horas e de todos os instantes, com aquele poder de intuição com que Deus dotou o sexo e lhes faz ver de relance perigos que a inteligência do homem não consegue descortinar e fazem marcha atrás no declivo terreno que pisam.

Oh! se fosse possível inscrever num diário das famílias o que se passa no calmo interior dos lares, quanta desavença se evita, a quanto mal estar se põe termo, quantas tentações se sufocam, quantas vidas se salvam de naufrágios certos por a Mulher transformar — cireneu do marido na condução da cruz que lhe pesa nos ombros, — o poético da expressão na realidade edificante de um verdadeiro anjo do lar! Não é preciso romancear para

se destacar a plena luz essa figura de educadora, de mestra, de guia, no remanso da família. Nas dores como na alegria, quando desce sobre o lar a treva do desconforto, de agruras ou de lutos, como quando o sol entra pela casa dentro, festivo, anunciador de felicidade, a Mulher é a âncora que assegura, com firme confiança, a estabilidade da família. Não é preciso, para que tal seja, que atinja a santidade. Basta que seja virtuosa e saiba vencer pela caridade e pelo amor, o casto amor de sacrifício pelos seus, amor sereno que não se exalta e sabe perdoar, que sofre em silêncio e converte em sorrisos e ternura íntimas amarguras que a torturam.

Quantas conversões ela consegue, na vida moral e espiritual do homem com essa sofredora serenidade que não denuncia mas que se percebe através da carinhosa solicitude com que acolhe o companheiro, transviado da fé ou desviado do seu dever conjugal.

O exemplo de Madame Leseur não é precioso ensinamento? Não salvou ela do infortúnio da descrença o que, seu companheiro pela vida fora, se declarou, ao cabo, vencido, depondo o orgulho intelectual que o inflamava na portada dum casa religiosa para cuja ordem entrou e que serviu?

Afligia-a como crente aquele estado de alma do homem que escolhera para esposo, mergulhado na treva do espírito pelo orgulhoso império da inteligência soberana, dominadora dos impulsos do coração e dos sentimentos mais puros da alma iluminada pela fé. Serenamente, dedicadamente, persistentemente, silenciosamente, sem atritos nem perorações, com a graça de Deus, em constante oração suplicada e com a intercessão da Virgem no seu peregrinar pela gruta de Massabielle, fez encher de luz a treva, transformando assim, com essa admirável lição de amor, uma alma que se salvou, oferecendo ao Senhor, em sacrifício por tão grata memória, tudo o que pudesse dar-lhe como resgate dos erros passados e das injúrias feitas.

A Mulher no lar exerce um verdadeiro apostolado. Sem dúvida que a que renuncia ao casamento e a Deus se oferece em pureza perfeita, como a nossa Santa Joana, excede em grandeza heroica tudo o que na família a esposa modelar pode ser. Mas o casamento pode ser também trono de santidade. Santa Isabel foi Rainha e Esposa de D. Diniz. E na coroa de santidade que lhe cinge a cabeça e a levou aos altares, destaca-se a sua grande lição de Esposa e Mãe na excelsa caridade que à sua volta derramou. Mas para a Mulher amparar esse apostolado na família, pode dedicar-se ao trabalho fora do lar? Será isso compatível com a nobre missão que lhe é destinada?

Querubim Guimarães

Cédula Pessoal de Indentidade Religiosa

(Continuação da 5.ª pág.)

car com coisas sérias e, apesar dos reparos feitos conscientemente, julgo coisa séria esta Cédula de que já tanto falei. Não é um irresponsável cá-na-minha-opinião, mas um valioso instrumento de organização paroquial.

Já ouvi dizer, num arremesso em que rumorejavam cóleras mal sopitadas, que nós, em Aveiro, costumávamos resolver tudo com Nossa Senhora de Fátima. Pasmeei do dito, mas o meu pasmo sincero e escandalizado foi ser-rôdio. Já nada fazia ao caso. O dito estava dito. Ouço agora chamar brincadeira à seriedade desta colaboração. Fico sinceramente confundido, creia, porque eu já não sei quem brinca, ou desconheço até o que seja uma brinca-

Vendemos:

- Fogões a petróleo 110\$00
- Ferros eléctricos 80\$00
- Máquinas picar carne 70\$00
- Passe-Vites 77\$50
- Balanças cozinha 65\$00

Bons Preços! Bons Artigos!

Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124—AVEIRO

deira e, para mais, de muito mau gosto.

Faço justiça aos meus caríssimos Colegas do Patriarcado. Os meus reparos, mesmo pertinentes, não passam de palavras. A Cédula, com todos os seus senões, é alguma coisa de positivo e útil nesta hora de renovação de critérios e de métodos. Eles é que ficam a ganhar. Não é verdade? Fico-me por aqui.

Creia sempre na sincera estima do

Oitá, 27-VIII-951

Padre António Resende

Monte

Monte, 27 — Encontra-se nas Termas da Curia, com seu irmão Manuel José, a menina Maria Cecília Tavares Lopes.

— Passou alguns dias nesta freguesia, com sua esposa, o sr. Manuel Rendeiro, residente em Lisboa.

— Com sua esposa e filha, chegou de Lisboa o sr. Dr. Henrique Tavares Guimarães.

— Encontra-se na praia da Torreira, a passar alguns dias de repouso, o rev. pároco da nossa freguesia, Padre Manuel José Costeira. A paróquia está confiada a seu irmão, Mons. Pantaleão José Costeira, digno Secretário Geral da Arquidiocese de Évora.

Anunciai no

«Correio do Vouça»

Crónica internacional

cam nova queda ministerial, impotente Pleven para conter a onda. O que interessa, acima de tudo, acima do problema internacional grave e em que a França ocupa o primeiro lugar no sacrifício, como a dura experiência de três guerras que lhe assolaram o território lhe demonstra, acima do complexo e doloroso problema da Indochina onde corre o sangue e se consomem milhões, o que está acima de tudo isso é o caso do subsídio às escolas confessionais, é o preconceito da neutralidade laicista que o triângulo maçónico, sob cujo signo se instituiu a República, em prejuízo da Nação, impõe, mantendo, sustentando e defendendo em honra dos papíros democráticos e de um contraditório conceito de liberdade, posição hostil ao sentimento religioso que é o de todo o país.

E' no campo internacional, arrastada ainda por esse preconceito à oposição à entrada da Espanha no Pacto do Atlântico, auxiliada pela Inglaterra, na mesma deformante visão do problema ocidental em defesa da agressão de leste, que se pretende evitar mas que assim mais se facilita, pois bem se sabe que uma Espanha económica e militarmente forte é uma barreira intransponível às hordas soviéticas. O mesmo quanto à Alemanha, de cujo auxílio, no caso de conflito, se não pode prescindir, aí, porém, mais justificada a reserva em virtude das lições do passado, Aproveita a Rússia esse estado de espírito e na Alemanha oriental prepara-se para o assalto, com férrea autoridade na educação marxista do povo e da juventude sobretudo, facilitando contactos com a juventude neo-nazista ocidental a favor de uma unidade nacional que faça restaurar um dia o pacto germano-russo dos tempos hitlerianos. Contra tudo isto pretende levantar-se o Governo de Bonn. Mas será bem compreendido esse esforço do Dr. Adenauer em acordo com o Dr. Schumaucher, seu adversário político mas compreensivamente solidário com o Chefe do Governo em política externa? A França e a Inglaterra animarão lealmente esse esforço? Ninguém o poderá afirmar.

Tanto quanto ao valor da Espanha como ao da Alemanha na defesa da Europa só a América do Norte decididamente o reconhece. Se no caso da Alemanha há que desculpar a França, muito mais que a Inglaterra, no caso da Espanha nem uma nem outra tem desculpa. E' a América que, no conjunto europeu, procura articular, na política económica e na política militar, o que se apresenta tão desarticulado.

E na Asia? veremos.

Querubim Guimarães

Colossal sortido de lentes

A ÓPTICA

Telefone 274 — AVEIRO